

"A CRIANÇA QUE PRATICA ESPORTE RESPEITA AS REGRAS DO JOGO... CAPITALISTA"

Valter Bracht

INTRODUÇÃO

Entre os profissionais da Educação Física do Brasil, existem diferentes entendimentos do papel da Educação Física Escolar. Poderíamos dizer que um grande grupo pensa e age de acordo com uma visão "biológica", a partir da qual o papel da Educação Física seria melhorar a aptidão física dos indivíduos, com o que estaria, automaticamente, contribuindo para o desenvolvimento social, uma vez que os indivíduos estariam mais aptos a atuar na sociedade e portanto, seriam também mais úteis a ela. Outro grupo de profissionais, que juntamente com a anterior, perfazem a maioria, supera de certo modo a visão anterior, agregando à melhoria da aptidão física o desenvolvimento psíquico. Esta segunda visão, que denominamos de "bio-psicológica" reconhece como papel da Educação Física a melhoria da aptidão física, o desenvolvimento intelectual e a manutenção do equilíbrio afetivo ou emocional; utilizando uma abordagem sistêmica, diria-se que a Educação Física atua sobre os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo. Nestas duas visões, porém, a análise da relação da Educação Física com o contexto social é funcionalista, na medida que é seu papel formar física e psiquicamente um cidadão que desempenhe o melhor possível (dentro da

RESUMO

Partindo das diferentes visões que têm os profissionais da Educação Física de sua prática e, como em função destas diferentes visões a Educação Física escolar desempenha diferentes papéis na sociedade, procuramos evidenciar e clarificar através das teorias que explicam a Educação Física, as visões a-histórias, a-críticas e falseadores da realidade que são compartilhadas pela maioria dos profissionais desta área do conhecimento humano. Neste trabalho, nos propomos a analisar e assinalar uma outra faceta da Educação Física escolar que é a sua contribuição no processo de socialização das crianças e adolescentes. Em função de nossas análises, podemos dizer que a socialização através do esporte escolar pode ser considerada, em nossa sociedade, como uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes. Por outro lado, como nossa análise não é crítico-reprodutivista, entendemos que as ferrenhas determinações sociais que recaem sobre a Educação Física escolar, não suprimiriam a contradição em seu interior e, embora os espaços a serem ocupados no sentido de uma ação transformadora sejam restritos, admitimos sua existência. Cumpre portanto, ao identificar estes espaços, incluir a Educação Física/Esporte escolar no contexto mais amplo da educação e enquanto parte desta, analisar as possibilidades de contribuição/colaboração para o processo de transformação social, condição para a concretização de uma sociedade mais justa e livre.

Unitermos: *Educação, Educação Física no Ensino Brasileiro, Sociologia do Esporte.*

atual estrutura social), o papel a ele atribuído na prática social. Desta forma, são visões a-históricas do papel social da Educação Física, como também, circunscrevem-se no âmbito das teorias acrílicas da Educação (Saviani, 1984), por não reconhecerem os condicionantes sociais da Educação, Educação Física e da atividade pedagógica.

Entendemos que não podemos permanecer mais com estas visões parciais e falseadores da

nossa prática social, produzidas por uma metodologia positivista e fragmentada. Neste sentido, não podemos prescindir de uma análise crítica que possa identificar o papel social que a Educação Física concretamente cumpre neste momento histórico de nossa sociedade.

Apenas recentemente algumas tentativas neste sentido foram levadas a efeito. Dentre elas citamos a de Castellani (1983), que analisando os documentos e

legislação relativos à Educação Física desde a década de 30 chegou basicamente à conclusão de que esta tem cumprido o papel de reforçar a estereotipação do comportamento masculino e feminino, tem colaborado para o adestramento físico, necessário, tanto à defesa da Pátria quanto à preparação e manutenção da força de trabalho necessária aos interesses da classe dominante. Cavalcanti (1984), demonstrou o caráter ideológico do discurso que fundamenta a campanha "Esporte para Todos" no Brasil, na medida que este menosprezou os fundamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos da atividade física e esportiva, e valorizou os aspectos metodológicos, não questionando desta forma o significado do esporte para o homem e a sociedade. Ferreira (1984), a partir da elaboração de uma matriz teórica dual, em que classifica as atitudes e procedimentos do professor num modelo de reprodução ou numa perspectiva de transformação social, procedeu a uma investigação empírica que demonstrou o caráter reprodutivo da atividade pedagógica do professor de Educação Física do 1º Grau. Para fazer justiça teríamos ainda que citar as reflexões pioneiras de Lopes (1979 e 1980), e as análises críticas de Oliveira (1983) e Medina (1983).

Buscando colaborar no processo de análise crítica pelo qual passa a Educação Física no Brasil hoje, o que ocorre intensivamente com a Educação de uma maneira geral, é que nos propomos a analisar e assinalar uma outra faceta da Educação Física escolar, que é a sua contribuição no processo de socialização das crianças e adolescentes.

Muitos pedagogos da Educação Física/Esporte têm realçado a contribuição da atividade esportiva na socialização das

crianças, contribuição essa, que tem sido utilizada como justificativa para a inclusão da Educação Física nos currículos escolares. Neste sentido, as colocações indicam que a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem "os outros", que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento (Oberteuffer e Ulrich, 1977); aprendem as crianças também, a conviver com vitórias e derrotas; aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, etc. Todas estas afirmações têm em comum o fato de serem afirmações que identificam um papel positivo-funcional para o esporte no processo educativo; privilegiam os aspectos positivo-funcionais camuflando, desta forma, os disfuncionais. Estas posições não partem de uma análise crítica da relação entre a Educação Física/Esporte e o contexto sócio-econômico-político e cultural em que se objetivam, e sim, da análise da Educação Física/Esporte enquanto instituições autônomas e isoladas, ou quando muito, como instituições funcionais, ou seja, como instituições que devem colaborar para a funcionalidade e harmonia da sociedade na qual se inserem. Quando estas abordagens identificam aspectos negativos, estes são colocados como disfuncionais, sendo suas causas buscadas em distorções internas da própria Educação Física/Esporte.

No entanto, ao lado destas afirmações que consideram positivo/funcionais o resultado do processo de socialização através do esporte, poderíamos listar outras que indicam no sentido contrário, como por exemplo: pelas regras das competições o esporte imprime no comporta-

mento as normas desejadas da competição e da concorrência (Parlebas, 1980); as condições do esporte organizado ou de rendimento são simultaneamente as condições de uma sociedade de estruturação autoritária (Weigelt, 1972 apud Dietrich, 1975); o ensino dos esportes nas escolas, enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras e dá a estas um caráter estático e inquestionável o que não leva à reflexão e ao restionamento, mas sim, ao acomodamento, na linguagem de Weis (1979), forja um "conformista feliz e eficiente"; o aprender as regras, significa reconhecer e aceitar regras pré-fixadas.

Como pudemos verificar, sob um enfoque distinto, temos também, valorizações diferentes do produto do processo de socialização que ocorre no esporte infantil.

Estas diferentes valorizações decorrem de diferentes visões de sociedade ou teorias sociais. As valorizações positivas estão respaldadas teoricamente na teoria "Estrutural-funcionalista" da sociedade, a partir da qual os elementos isolados do sistema social como a Educação, o Esporte, etc., podem ser descritos como funções do sistema. Eles são importantes, desde que tenham importância funcional para o sistema, mantendo, portanto, sua estabilidade como unidade de funcionamento.

Uma afirmação que tem o respaldo desta teoria é a de que a nova geração é educada *em e* para uma sociedade competitiva na qual o princípio de rendimento se impôs. O jovem desportista é confrontado muito cedo com princípios de rendimento e dele é esperado não só suportar diferenças de rendimento como também respeitá-las (Bührlé apud Dietrich, 1975).

As análises que criticam a

função socializadora que o esporte cumpre, partem de uma teoria da sociedade que poderíamos chamar de Abordagem (Loy et. al. 1979) ou Ótica (Demo, 1983) do conflito. Esta teoria desenvolvida por e a partir de Marx e Engels, acredita que é mais correto ver a sociedade do ponto de vista de suas contradições históricas (Demo, 1983, p. 66). Portanto, a adoção desta teoria significa não entender as sociedades capitalistas por exemplo, como sendo harmônicas e funcionais, e sim que estas encerram contradições fundamentais.

Gruneau apud Loy et. al. (1978, p. 340-1), coloca que a partir da ótica do conflito o esporte:

1. Precisa ser entendido no contexto mais amplo das condições objetivas das sociedades capitalistas;

2. está intimamente relacionado com as diferenças de classe em termos de poder e riqueza;

3. todo esporte competitivo reflete a ideologia burguesa.

Por outro lado, coloca o mesmo autor que a partir das abordagens estrutural-funcionalista o esporte é assim encarado:

1. O esporte competitivo reflete uma série de valores de muita importância para a sociedade. Desta forma, o recrutamento para o esporte cumpre a função de integração social;

2. o esporte funciona, nas sociedades industriais ocidentais (capitalistas) como um mecanismo de mobilidade social;

3. o esporte oferece a oportunidade para a aprendizagem de diferentes papéis sociais.

Cumpra assinalar que, como lembra Demo (1983), o funcionalismo é mais típico de países desenvolvidos (capitalistas), pois tal postura colabora com o dominador, pois este está muito

pouco interessado em mudar, porque isto pode representar a perda de privilégios. Nesta perspectiva, trata-se não de mudar o sistema, mas sim conseguir mudanças dentro do sistema. Não questionando o sistema (capitalista), trata-se então de fazê-lo funcionar melhor.

Assim sendo o processo de socialização não é um processo *neutro*, pois ele acontece dentro de um contexto de valores específicos. Os valores que são inculcados são os valores dominantes, que, como lembram Marx e Engels (1984) na "A ideologia alemã", são sempre os valores da classe dominante. Dessa forma, o que a socialização principalmente reproduz são as desigualdades sociais, isto é, é a própria dominação se processando.

Assim, podemos dizer que a socialização através do esporte escolar pode ser considerada uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes, como condição alegada para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade. Um dos papéis que cumpre o esporte escolar em nosso País, então, é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista, que por sua vez visa fazer com que os valores e normas nela inseridos se apresentem como normais e desejáveis. Ou seja, a dominação e a exploração devem ser assumidos e consentidos por todos, explorados e exploradores, como natural.

É ainda dentro da ótica "estrutural-funcionalista" que ouvimos com frequência a afirmação de que o *esporte educacional*. Se indagarmos por que ou o que tem de educativo no esporte, obteremos quase que invariavelmente a seguinte resposta: o esporte educa porque ensina a criança a conviver com a vitória

e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo (já que todos são iguais perante a lei devemos respeitá-la; sem discuti-la), ensina a vencer (no jogo e na vida) através do seu esforço pessoal (às vezes tem que momentaneamente aliar-se a outro ou outros para atingir este objetivo, processo que os pedagogos esportivos chamam de cooperação ou companheirismo), ensina a competir (já que a sociedade é extremamente competitiva e isto a prepara para a vida*), desenvolve o respeito pela autoridade que é o árbitro ou o professor (chama-se a isso de disciplina). Precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização no esporte, estão relacionados com sistemas de significados e valores mais amplos, que se estendem para além da situação imediata do esporte. Como lembram Berger (1978), os jogos das crianças Norte-Americanas revelam certos valores básicos, como a independência, as realizações individuais, o que se depreende da ênfase que põem na competição individual.

Nessa medida, não é difícil, numa rápida análise da resposta anteriormente mencionada, identificar valores e elementos da ideologia burguesa. No esporte desenvolvem-se idéias ou valores que levam ao conformismo, como é o respeito incondicional a regras, porque o comportamento não conformado no esporte não leva a modificações do esporte, mas sim, à exclusão dele. No esporte coloca-se em destaque a idéia de que todos têm a oportunidade de vencer (vencer no esporte = vencer na vida), através do esforço pessoal e individual*, bastando para isso que se esforce e que tenha talento (como Pelé, Zico, Bernard), o que em última análise justifica e

* Ou para o mercado?

* "só depende de você a alegria de vencer" — diz a propaganda do cliclete Ping-Pong na TV, associando a idéia ao esporte.

explica as diferenças sociais, negando toda e qualquer determinação social. Esta crença de que no esporte desaparecem as desigualdades, colabora também, para um certo abrandamento das contradições ou conflitos sociais.

Shinnick (1978, p. 96) lembra muito bem, que os valores "universais" camuflam as contradições sociais, e os valores universais no esporte também encobrem a dominação e a exploração de classe.

Assim, como vimos, realmente o esporte educa. Mas, educação aqui significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento, que lhe possibilitarão se adaptar à sociedade capitalista. Em suma, é uma educação que leva ao acomodamento e não ao questionamento. Uma educação que ofusca, ou lança uma cortina de fumaça sobre as contradições da sociedade capitalista. Uma educação a serviço da classe dominante. Uma educação que não leva à formação "do indivíduo consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve (Oliveira, 1983).

Se analisarmos as aulas de Educação Física onde o esporte escolar é iniciado e desenvolvido, veremos que a idéia da aprendizagem do esporte enquanto aprendizagem das técnicas esportivas predomina. Isto porque para a competição, na verdade, é isto que conta. Permeia portanto, a busca do rendimento atlético que é condição para as possibilidades de vitória nas competições. Com a exacerbação do espírito competitivo do esporte escolar, as técnicas esportivas e o próprio esporte foam elevados à condição de finalidade, ou seja, o esporte enquanto fim em si mesmo. Neste momento, em que a idéia da competição (concorrência) toma conta do esporte escolar, idéia esta que é fomentada

pela busca da vitória, às vezes a qualquer custo (lucro), e do que ela representa na nossa sociedade (vencer na vida), já não existe mais espaço para a discussão sobre as normas do esporte, para a criação no esporte (adaptar o esporte à realidade social e cultural do grupo que faz esporte = criação cultural); já não existe mais espaço para a preocupação com o desenvolvimento de valores relacionados com o coletivismo (entendido como ações que visem prioritariamente o bem comum, ou seja, priorizem o coletivo ao individual); já não existe o espaço para a discussão de estratégias que permitam a participação de todos os alunos com as mesmas oportunidades nas aulas, porque o professor tem de preocupar-se com os que apresentam melhor rendimento; preocupar-se com a melhoria da técnica (elevando-a à categoria de fim); preocupar-se com o ensino das regras internacionais dos esportes, ou melhor, com a imposição das regras internacionais que permitirão as condições objetivas de comparação de performances; preocupar-se em desenvolver nos alunos e suas equipes o espírito de competição, condição para a obtenção de vitórias (vencer na vida).

Como mencionamos anteriormente, estas características que o esporte escolar apresenta não são geradas no seio do próprio esporte, e sim são o reflexo mediatizado da estrutura social em que ele se realiza, ou seja, da sociedade capitalista. Neste momento, cabe ou surge a grande indagação: em que medida ou até que ponto poderemos chegar a um quadro diferente? ou seja, o esporte escolar pode ser diferente? pode cumprir um papel diferente do de inculcar a ideologia burguesa?

Se assumíssemos aqui e agora a postura das teorias críti-

co-reprodutivistas (Saviani, 1984), afirmaríamos que o esporte nesta sociedade, invariavelmente contribuirá para a reprodução da atual estrutura social. Embora reconhecendo as ferrenhas determinações sociais que sobre a Educação Física Escolar recaem, acreditamos que no seu interior a contradição não foi suprimida, ela persiste. Embora os espaços a serem ocupados no sentido de uma ação transformadora sejam restritos, admitimos sua existência. Neste sentido, o da identificação destes espaços, cumpre inicialmente incluir a Educação Física/Esporte escolar no contexto mais amplo da Educação e, enquanto parte desta, analisar as possibilidades de contribuição/colaboração para o processo de transformação social, condição para a concretização de uma sociedade mais justa e livre.

Na busca do esclarecimento da contribuição da Educação para a transformação social, depara-se com duas posições antagônicas. De um lado a postura teórica que identifica na Educação a redenção da sociedade/humanidade (teorias acríticas), e por outro, a postura teórica que percebe na Educação o papel invariável da reprodução da estrutura social (teorias crítico-reprodutivistas). O que cabe, no entender de Saviani (1984), não é a polarização das duas posturas, mas sim, a busca da superação através de uma teoria crítica da Educação que possa identificar a contribuição específica da Educação no processo de transformação da sociedade.

Esta possível contribuição prende-se ao fato de que a escola não é um instrumento homogêneo da classe dominante, pois nela refletem-se as contradições existentes na sociedade, reflete-se portanto, o antagonismo entre os

interesses burgueses e proletários. Neste sentido, na escola existe um espaço, embora pequeno para o que Gadotti (1983, p. 162) chama de "guerrilha ideológica travada na escola".

Cumpra, para desenvolver uma pedagogia esportiva com alguma força transformadora, tomar como ponto de partida um compromisso político com a classe oprimida e dominada, que é a classe trabalhadora, portanto, uma pedagogia que não se comprometa com os interesses burgueses e sim com os interesses da classe trabalhadora, e mais ainda, com os "interesses revolucionários das classes populares" (Gadotti, 1983, p. 150).

Neste sentido, a tarefa que se impõe parece-nos ser a de desenvolver uma pedagogia desportiva que possibilite aos indivíduos pertencentes à classe dominada, aos oprimidos, o acesso a uma cultura esportiva desmistificada. Permitir ou possibilitar através desta pedagogia que estes indivíduos possam analisar criticamente o fenômeno esportivo, situá-lo e relacioná-lo com todo o contexto sócio-econômico-político e cultural.

Embora não seja objetivo deste ensaio desenvolver uma proposta pedagógica numa perspectiva de classe e, que tenha como fundamento o referido compromisso político com a classe dominada, ousadamente colocar algumas reflexões que acreditamos apontam neste sentido.

Os professores de Educação Física na ação devem, efetivamente, incorporar novas posturas frente a algumas questões básicas:

— Precisam superar a visão positivista de que o movimento é predominantemente um comportamento motor. O movimento é humano, e o Homem é fundamentalmente • um ser social. A "motricidade já não é mais bioló-

gica e sim histórica e social" (Royer, 1975, p. 192). Desta forma, o movimento tem repercussão sobre todas as dimensões do ser humano. A consequência disso para a ação pedagógica, é de que nas aulas de Educação Física devemos objetivar muito mais do que a aptidão física, a aprendizagem motora, a destreza desportiva, etc., devemos entender que o movimento que a criança realiza num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento, e mais, que esta atividade veicula e faz a criança introjetar determinados valores e normas de comportamento. Portanto, aquela idéia de que atuando sobre o físico estamos *automaticamente* e *magicamente* atuando sobre as outras dimensões, precisa ser superada para que estas possam ser levadas efetivamente em consideração na ação pedagógica, através do estabelecimento de estratégias que objetivem conscientemente o desenvolvimento, num determinado sentido, destes outros aspectos/dimensões dos educandos. O que atualmente acontece é que, embora os objetivos da Educação Física incorporem a dimensão psico-social, as estratégias/atividades são totalmente norteadas pelos objetivos relacionados à aptidão física, destrezas desportivas, aprendizagem motora, esperando-se que estas, automaticamente, tenham repercussão sobre as outras dimensões.

— Precisam superar a visão de infância que enfatiza o processo de desenvolvimento da criança como natural, e não social. Fala-se da criança em si, e não de uma criança situada social e historicamente. Fala-se da natureza da criança, e isto é ideológico na medida que encobre as diferenças produzidas pela *condição social* destas crianças. "Na sociedade capitalista, defi-

nida pelas relações estabelecidas entre classes sociais antagônicas, a origem da criança determina uma condição específica de infância" (Miranda, 1984, p. 128).

— Os professores de Educação Física devem buscar o entendimento de que o que determinará o uso que o indivíduo fará do movimento (na forma de esporte, de jogo, de trabalho manual, de lazer, de agressão a outros e à sociedade, etc.), não é determinado, em última análise, pela condição física, habilidade desportiva, flexibilidade, etc., e sim pelos valores e normas de comportamento introjetados, pela condição econômica e pela posição na estrutura de classes de nossa sociedade.

— Superar a falsa polarização entre diretividade e não-diretividade. Embora as pedagogias não-diretivas tenham contribuído para a denúncia do excessivo autoritarismo com que a Educação bancária (Freire, 1983) conduzia o processo educativo, o oposto, ou seja, o não-diretívismo pode nos levar a um espontaneísmo estéril que acaba tornando-se ideológico. Ferreira (1984), que citamos no início deste ensaio, de certo modo, cai nesta "armadilha" quando coloca que as fontes de informações, normas e sanções numa perspectiva de transformação devem provir dos interesses, necessidades e motivações do educando, o "indivíduo", para tanto, segundo a autora, o educador deve ser um "facilitador da conscientização", a partir de motivações "intrínsecas" dos indivíduos. Ora, as crianças não chegam "vazias" às aulas de Educação Física; elas já estão incorporadas ao processo de socialização burguesa, e se nós quisermos a introjeção de normas e valores que se contrapõem aos burgueses, temos que dar uma direção ou seja, "dirigir" o processo educativo, pois, os interes-

ses, necessidades, etc., da criança já estão "contaminados", isto é, estes já estão determinados pelo social (meio-ambiente). Assim, permitir ou facilitar, simplesmente, que eles desabrochem implica na reprodução e não na transformação. A postura de que o educador deve apenas facilitar o desenvolvimento das potencialidades da criança, tem como fundamento a idéia de que a criança possui uma "natureza" que é fundamentalmente boa, e que bastaria permitir que isto se manifestasse. Se assumirmos uma postura de classe social para a Educação, os interesses e necessidades que devem ser levados em consideração não são os dos "indivíduos", e sim os interesses de classe.

— Um outro equívoco que precisa ser superado, é o de que devemos simplesmente ignorar a cultura dominante, que nesse entendimento não serve à classe dominada. Não podemos simplesmente negar a cultura dominante, e sim permitir que a classe dominada, em dominando a cultura dominante possa reconstruí-la a partir de suas necessidades e interesses. Em termos de Educação Física significa que não devemos negar o esporte como meio da Educação Física, porque ele, segundo alguns é "essencialmente burguês" (Laguillaumie, 1978, pud Ferreira, 1984, p. 54). Para que a classe dominada possa reelaborar o esporte, tornando-o não mais burguês, existe a necessidade que esta classe domine a cultura esportiva burguesa, mas, também que lhe seja simultaneamente permitido desmistificar essa mesma cultura esportiva. O esporte é burguês não porque é esta a sua essência, e sim, porque suas múltiplas determinações lhe fornecem as características para tal. De maneira que para termos um esporte não-burguês, precisamos atuar

sobre suas determinações. E o "Educador representa o momento de ruptura em relação ao que é determinado socialmente, ao mesmo tempo que define uma conduta para levar o educando a uma solidariedade consciente, vale dizer, ao sentido coletivo de sua formação" (Libâneo, 1984). Procurando desenvolver um esporte em que o princípio do rendimento e da competição discriminatória (melhores dos piores), do esforço pessoal e individual (às vezes associado) para vencer o adversário, não seja o norteador principal deste, desenvolvendo um esporte em que se busca o jogar *com* e não *contra* o adversário, um esporte onde se busca insistentemente o desenvolvimento do coletivismo (priorização do coletivo ao individual, incluindo o "adversário/companheiro"), estaremos na verdade descaracterizando o esporte burguês, e lançando e criando as bases de um novo esporte, que, por sua vez, somente se consolidará com a criação, também, de uma nova ordem social sem a qual não terá condições de sobreviver, porque será fatalmente submetido à ordem burguesa.

— Para que este novo esporte, que leve a uma nova sociabilização, emergja, os professores de Educação Física devem suportar também a idéia, muito difundida, de que nas aulas de Educação Física não se deve falar, ou seja, não se deve sentar e discutir com os alunos o que está se fazendo, sob o argumento de que a aula de Educação Física deve ser "prática" (entenda-se "adestrante").

Estas são algumas reflexões sobre o processo educativo na Educação Física Escolar que espero contribuam para que possamos desenvolver uma proposta pedagógica que aponte e possa realmente colaborar para o processo de transformação social,

que permitirá a concretização de uma nova ordem social, esta sim, mais justa, fraterna e livre.

Porém, de acordo como hoje pensamos, acreditamos que a ação transformadora do Professor de Educação Física não deve restringir-se a esta esfera, ou seja, aos muros da escola. A atuação política deste profissional deve estender-se para a sua entidade representativa, seu sindicato, não movido, é óbvio, por uma visão corporativista, e sim, a partir de uma identificação social com a classe trabalhadora. O engajamento com a categoria de profissionais legados à educação, neste momento histórico deve, ao nosso ver, visar uma ação que permita que se estabeleça uma política educacional, e de que se concretize uma escola em nosso País, de acordo com as necessidades e interesse da classe trabalhadora. A atuação política do professor de Educação Física deve também alcançar a política partidária, para que enquanto cidadão comum, assuma o papel de sujeito político da sociedade.

Finalizando, gostaríamos de lembrar as palavras do professor Florestan Fernandes, ditas no III Congresso Estadual de Educação em São Paulo: "O EDUCADOR QUE SE NEGA NO PLANO IDEOLÓGICO E POLÍTICO, SE NEGA TAMBÉM COMO EDUCADOR" (abril, 1985).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BERGER, P.L. e BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, M.M. e MARTINS, J.S. Sociologia e sociedade. São Paulo, Livros Técnicos e Científicos Ed., 1978, p. 200-14.

ABSTRACT

"CHILDREN WHO PRACTISE SPORTS FOLLOW THE RULES OF THE GAME ... OF CAPITALISM."

Bearing in mind the several ways Physichal Education professionals see its practise and as these different Sients make Physichal Education classes play different roles in our society, we try to clarify and prove througer theories which explain Physichal Education, the non – historical and non-critical viits and those which fake reality and which are shared by most professionals in this area of humane Knowledge. In this work we are aiming at analysing and pointing out another purpose of Physichal Education classes, which is to contribute to the socialization process which children and adolescents undergo. Due to our analysis we may say that socialization through sports at school may be considered in our society as a means to social control by adaptina those who practise them to the dominant values and rules. On the other hand, as our analysis is not critical – reproductivist we understand that strong social, pressure which lies on Physichal Education classes would not leave aside its inner contradiction, and although the gaps to be filled as a trasnsforming action are narrow, we admit its existance. We have however to identify these gaps to include Physichal Education as a school sport in the most complex context of Education and while part of it, analyse the possibilities of contribution and colaboration to the process of social transformation, an essential condition to the fulfillment of a more just and free society.

Unitherms: Education, Physichal Education in Brazilian teaching, Sociology of Sports.

02. CASTELLANI, L. A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, São Paulo, 4(3):95-101, 1983.
03. CAVALCANTI, K.B. Esporte para Todos: um discurso ideológico. São Paulo, Ibrasa, 1984.
04. DEMO, P. Sociologia: uma introdução crítica. São Paulo, Atlas, 1983.
05. DIETRICH, K. Sportspiel und Interaktion. In: SCHEUERL, L. Theorien des Spiels. Beltz, 1975, p. 178-89.
06. FERREIRA, V.L.C. Prática da educação física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?. São Paulo, Ibrasa, 1984.

07. FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, 12 ed., Paz e Terra, 1983.
08. GADOTTI, M. Concepção dialética da educação. São Paulo, Autores Associados/Cortez Ed., 1983.
09. LIBÂNEO, . A prática pedagógica dos professores da escola pública. São Paulo, Autores Associados/Cortez Ed., 1984.
10. LOPES, M.I.S. A função social da educação física infantil. CLÍNICA PEDIÁTRICA, São Paulo, 2(10):16-9, jul. 79.
11. . Escola, direita ... volver! FOLHETIM, Suplemento Especial da Folha de São Paulo, nº 187, 17/08/80, p. 15.

12. LOY, J.W.; McPHEARSON, B.D. e KENYON, G. Sport and Social Systems. Califórnia, Addison-Wesley, 1978.
13. MARX, K. e ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo, Editora Moraes, 1984.
14. MEDINA, J.P.S. A educação física cuida do corpo e ... "mente". Campinas, Papirus, 1983.
15. MIRANDA, M.G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, S.T.M. e CODO, W. (orgs.) Psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1984.
16. OBERTEUFER, D. e ULRICH, C. Educação Física: princípios. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977.
17. OLIVEIRA, V.M. O que é educação física. São Paulo, Brasiliense, 1983.
18. PARLEBAS, P. Esporte e jogos. BOLETIM DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Brasília, 50(1):50-5, 1980.
19. ROUYER, J. Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da educação física. In: ADAM, Y. et. al. Desporto e desenvolvimento humano. Lisboa, Seara Nova, 1977.
20. SAVIANI, D. Escola e democracia. São Paulo, Autores Associados/Cortez Ed., 1984.
21. SHNNICK, P.K. Sport and cultural hegemony. In: LOWE, B. et. al. Sport and international relations. Illinois, Stipes, 1978, p. 95-107.
22. WEIS, K. Desvio y conformidad en la institucion del deporte. In: LUSCHEN, G. e WEIS, K. Sociologia del deporte. Valladolid, Miñón, 1979, p. 252-67.